

A NÃO ADESAO DAS FAMÍLIAS AO ESQUEMA VACINAL DE CRIANÇAS E OS MOTIVOS

The non-adherence of families to the vaccine scheme and the reasons

Victoria da Silva Alvares Spim ¹

Adriana Aparecida Baraldi Gaion ²

Andreia Caron ³

¹Discente do curso de Enfermagem da Faculdades Integradas de Bauru

²Orientadora e docente do curso de Enfermagem da Faculdades Integradas de Bauru

³Coorientadora e docente do curso de Enfermagem da Faculdades Integradas de Bauru

Resumo

O trabalho aborda a relevância da vacinação infantil no Brasil, destacando o Programa Nacional de Imunização (PNI), um programa gratuito e criado com o objetivo de garantir a qualidade da vacinação, associado ao Sistema Único de Saúde (SUS) o qual fornece gratuitamente 18 vacinas do calendário vacinal. Apesar de seu impacto positivo na saúde pública, como a redução da mortalidade infantil e a erradicação de doenças, a cobertura vacinal tem diminuído, com fatores como desinformação, medo de reações adversas, negligência familiar e movimentos antivacinas, todos impulsionados por fake news, contribuem para essa queda. O estudo analisa as raízes históricas dos movimentos antivacinas, desde a Revolta da Vacina no início do século XX, e ressalta o papel da mídia na propagação de informações enganosas, associado temos a recente hesitação em vacinação após a pandemia da COVID-19 como um reflexo da desconfiança geral nas vacinas e a propagação de notícias falsas. Tentamos entender as causas da hesitação vacinal dos pais e promover estratégias de conscientização e educação em saúde para reverter essa tendência. A falta de acesso a informações precisas e a influência de crenças pessoais são os principais obstáculos à vacinação. A educação em saúde, profissionais da enfermagem totalmente capacitados e que dominam o assunto com informações técnicas científicas são essenciais para o aumento da cobertura vacinal e proteger a saúde infantil.

Palavras – chaves: Calendário Vacinal; Imunização; Programa de imunização; Crianças.

Abstract

The work addresses the relevance of childhood vaccination in Brazil, highlighting the National Immunization Program (PNI), a free initiative created to ensure the quality of vaccinations, which, in conjunction with the Unified Health System (SUS), provides 18 vaccines at no cost as part of the vaccination schedule. Despite its positive impact on public health, such as reducing infant mortality and eradicating diseases, vaccination coverage has been declining. Factors such as misinformation, fear of adverse reactions, family neglect, and anti-vaccine movements—exacerbated by fake news—contribute to this decline. The study analyzes the historical roots of anti-vaccine movements, dating back to the Vaccine Revolt in the early 20th century, and emphasizes the role of media in spreading misleading information. Additionally, the recent hesitancy towards vaccination following the COVID-19 pandemic reflects a general distrust in vaccines and the proliferation of false news. We seek to understand the causes of vaccine hesitancy among parents and promote strategies for awareness and health education to reverse this trend. A lack of access to accurate information and the influence of personal beliefs are the main obstacles to vaccination. Health education and well-trained nursing professionals who are knowledgeable about scientific information are essential for increasing vaccination coverage and protecting child health.

Key Words: Vaccination Schedule; Immunization; Immunization Program; Children.

Introdução

A vacinação infantil é um tema de extrema importância de saúde pública, criado em 1973, o Programa Nacional de Imunização (PNI) é totalmente gratuito e compõe um papel importante desde o nascimento até a vida adulta da população. Atualmente o SUS conta com 18 vacinas em seu calendário vacinal, sendo elas aplicadas a maioria na infância, na maternidade, já é oferecida a vacina BCG que protege contra tuberculose e a da hepatite B, o recém-nascido já sai da maternidade com o início do seu calendário vacinal e a partir de então deve-se dar continuidade à sua imunização. O objetivo da imunização é a prevenção de doenças transmissíveis, muitas delas que já estão no calendário vacinal, estão erradicadas e só foi possível com a vacinação da população, além disso associado a prevenção de doenças, a vacinação afeta positivamente também a diminuição da taxa de mortalidade infantil no Brasil (Belebone; Stabeli, 2021).

Mesmo com um calendário vacinal amplo e gratuito, o índice de imunização no Brasil vem caindo, tendo como fatores: falta de acesso as informações, medo de reações adversas, crianças em estado de negligência familiar e as fake

News, são alguns dos motivos os quais os pais vem evitando em vacinar seus filhos. Um exemplo é a volta do sarampo, doença já erradicada no Brasil, a qual existe uma vacina e estava erradicada desde 2016, mas em 2018 voltou a contabilizar casos, chegando a um total de 10.326 casos de sarampo no Brasil (D'Almonte; Siqueira; Silva, 2023).

As notícias falsas popularmente conhecida como fake News, referem-se a informações enganosas ou fabricadas, com o objetivo de manipular a opinião pública e gerar polêmicas, que são disseminadas através de meios de comunicação tradicionais e principalmente redes sociais (Costa; Silva, 2022).

Podemos colocar as fake News como um dos maiores fatores ao qual os pais acabam se preocupando em não vacinar seus filhos, como exemplo a publicação de informações de que a vacina da Tríplice Viral poderia causar o autismo em crianças, informação já contestada e desmentida por cientistas, alguns com tanto acesso às informações e outros sem acesso nenhum, o que pode ser também um fator da não vacinação, deixando crianças em vulnerabilidade e em negligência familiar, que acabam nem iniciando o seu calendário vacinal. Além de informações, existem também os casos de reações adversas após tomar uma vacina, casos que são a minoria, porém emitem um alerta e já é um motivo para os pais não quererem dar continuidade ao esquema vacinal de seus filhos (Brasil, 2023).

Não podemos deixar de salientar a pandemia como também um fator para a queda do índice vacinal infantil, com o fechamento de unidades de saúde não essenciais e a atenção voltada toda a contenção do Covid-19, a cobertura vacinal deixou de ser importante naquele momento e assim contribuiu para a hesitação dos pais em levar seus filhos para vacinar (Silva *et al.*, 2023).

E após todo esse período entra em nosso calendário vacinal, a vacina da Covid-19 para crianças a partir de 6 meses de idade, sendo 3 doses, a primeira com 6 meses, a segunda 7 meses e a terceira aos 9 meses de idade, sempre com um intervalo de 28 dias. Apesar de a vacinação infantil contra a covid-19 ter sido esperado por tantos, causa em alguns um receio enorme, muitos fatores descredibilizaram a vacina da covid-19, como política e informações inverídicas sobre ela, acredita-se que não tenha somente impactado movimentos antivacinas da covid-19, mas também a

desvalorização da vacinação infantil em geral, colocando em questionamento todo o esquema vacinal em si (Recuero; Volcan; Jorge, 2022).

Com todos esses fatores e motivos para a hesitação vacinal dos pais, cria-se um desafio aos profissionais da saúde que é combater todos esses motivos com evidências científicas, informações e educação à saúde em todas as unidades de saúde do Brasil (Godinho; Silva; Pietrafesa, 2024).

O baixo índice vacinal, coloca em risco a imunidade coletiva da população, que é tão importante para a prevenção de doenças infecciosas em níveis nacionais e regionais (Jarovsky, 2023).

A conscientização à vacinação infantil é crucial para proteger as crianças contra uma série de doenças, vacinas são um meio eficaz para previr e proteger coletivamente todos. Entender o que causa a hesitação à vacinação infantil e o que aumenta os movimentos antivacinas, para que possa ser feito algo para diminuirmos a incidência a esses casos, com informações tecno-científicas, realizar movimentos pró vacinas e campanhas de vacinação para incentivar os pais a levarem seus filhos, trazer informações para que os pais e responsáveis sejam conscientizados a dar continuidade ao esquema vacinal infantil e diminuir a hesitação e recusa a vacinação.

O objetivo deste estudo é entender as causas que levam os pais a desistirem ou hesitarem a vacinar seus filhos e o porquê dos movimentos antivacinas estarem aumentando cada dia mais e contribuindo para a queda do índice vacinal infantil.

Método

O estudo trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, com o objetivo de apresentar ampla compreensão e conhecimento sobre o assunto abordado, de modo fácil e objetivo (Morais; Quintilio, 2021).

O método de pesquisa utilizado, se baseia em evidências científicas comprovadas e já publicadas, sendo assim apenas organizadas as ideias e apresentadas para o leitor (Morais; Quintilio, 2021).

Foram realizadas as pesquisas em base de artigos literários, com uma análise específica, relevante ao estudo apresentado, em bases de dados eletrônicos

como BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), LILACS (Literatura Latino- Americana e do Caribe em ciências da saúde), Google Acadêmico, Portal Butantan, Scielo Brasil, Blogs e Revistas, com os descritores: Calendário Básico de Vacinação da Criança or Calendário de Vacinação do Adolescente or Programa Nacional de Imunizações (PNI) or Vacinação da Criança and Esquema de Imunização. Imunização Ativa or Coberturas de Imunização and Recusa de Vacina. Grupos contra Vacina or Movimento Antivacina.

Após análise, o total de materiais coletados foi de 26 artigos específicos, com caráter de inclusão foram utilizados 20 materiais que apresentavam em língua portuguesa e no período de 10 anos.

Como critério de exclusão foram de 6 materiais que não apresentavam coerência ao assunto abordado e excediam o período de 10 anos.

Desenvolvimento

Para começarmos a falar da atualidade, devemos voltar um pouco no passado, onde tivemos início aos movimentos antivacinas. Ao final do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro era a maior cidade brasileira, com 800 mil habitantes. Apesar de ser a maior cidade brasileira, faltava estrutura para suportar o crescimento populacional e assim trazendo muitos problemas sanitários, como epidemias de doenças como febre amarela, varíola e peste bubônica (Rosa; Barros; Laipelt, 2023).

Chega então Oswaldo Cruz, um médico bacteriologista e sanitarista a fim de combater as doenças que matavam milhares de pessoas todos os anos, o Rio de Janeiro passava por uma grande reforma, porém caótica e com repressão policial, mesmo assim Oswaldo Cruz se torna Diretor Geral de Saúde Pública (atual Ministério da Saúde), com o objetivo de acabar com essas doenças, tomou medidas para combater a proliferação das doenças, meios de erradicar o mosquito *aedes aegypti*, o transmissor da febre amarela e meios para acabar com os ratos transmissor da peste bubônica. Vale salientar que em todo este período que Oswaldo Cruz tomava medidas para acabar com as doenças, ele sofre uma grande pressão da “mídia”, que na época eram os jornais, os quais influenciavam muito a população. Com o sucesso da erradicação das doenças e diminuição de mortes pela febre amarela e a peste

bubônica, Oswaldo Cruz procura outras medidas para então acabar com os casos de varíola que também atormentava a população (Rosa; Barros; Laipelt, 2023).

O método para acabar com a varíola era a vacinação da população, para isso foi criada uma lei, a qual tornava a vacinação obrigatória para todos, porém tal método gerou muitas discussões e movimentos contraditórios, um senador da época incitou que tal método era errado e que a população deveria resistir, aproveitaram a revolta para incitar as pessoas contra o governo, inventando suposições sobre a vacinação. O mesmo senador criou a Liga Contra a Vacina Obrigatória e além de pessoas no próprio governo, a revolta tinha total apoio dos jornais, contestando seus resultados, repudiando a vacinação, fazendo a população temer e duvidar do processo vacinal, descredibilizando todo o processo a qual Oswaldo Cruz lutou para erradicar as doenças, e tal movimento ficou conhecido na nossa história como a Revolta da Vacina. Apesar da tentativa do governo e do jornal de acabar com a vacinação, Oswaldo Cruz teve sucesso nas suas medidas para erradicar a Varíola e mais para frente a população começou a ter conscientização da importância da vacinação (Rosa; Barros; Laipelt, 2023).

Podemos perceber que movimentos contraditórios a vacinação não vem só do nosso presente, ele já estava acontecendo há muito tempo antes, após o crescimento das cidades, da população, dos nossos métodos de divulgação de informações, só vem aumentando e ganhando mais forças todos os dias. Temos também o exemplo da pandemia que tivemos em 2020, antes o governo lutava para que a população fosse vacinada, já na nossa atualidade o governo questiona se a vacinação é realmente eficiente, ou seja sempre terá movimentos antivacinas presentes em todos os momentos da história brasileira (Rosa; Barros; Laipelt, 2023).

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), foi criado em 1973 após uma campanha para erradicação da varíola, coordenado pelo ministério da saúde e criado antes mesmo do SUS, hoje com 51 anos de existência, tem uma importante relevância em intervenção de saúde pública, contribuindo para a redução de morbidade e mortalidade no Brasil, é referência internacional, atuante desde a compra da vacina até a definição do público o qual será distribuído. O programa é um dos maiores programas do mundo, sendo reconhecido pela Organização Panamericana da Saúde (OPAS), braço da Organização Mundial de Saúde (OMS) (Brasil, 2022).

Hoje juntamente com o Sistema Único de Saúde, o PNI disponibiliza 48 imunobiológicos sendo eles: 31 vacinas, 13 soros e 4 imunoglobulinas para a população. As vacinas são totalmente seguras e quando adotada como estratégia de saúde pública, são consideradas um dos melhores investimentos considerando custos-benefícios. O programa iniciou -se após a campanha bem-sucedida de vacinação contra a varíola e logo após em 1980 houve a primeira campanha de vacinação contra a poliomielite, com o objetivo de vacinar crianças menores de 5 anos e assim, conseguiu erradicar a doença de nosso país e não houve mais casos e não parou por aí, em todos esses anos o programa conseguiu a eliminação também da síndrome da rubéola congênita, tétano neonatal, difteria, coqueluche, entre muitas outras (Ministério da Saúde, 2024).

Apesar de o Ministério da Saúde ter campanhas e programas para vacinação em massa de crianças, a fim de erradicar e prevenir doenças, hoje existem motivos os quais os pais destas crianças levam em consideração para não vacina-los, como crenças, mitos e religiões, afetando assim o alcance da cobertura vacinal infantil (Sousa; Vigo; Palmeira, 2012).

Mas será que os responsáveis por essas crianças, sabem a importância que são essas vacinas? Vacinas como a da BCG, poliomielite e a tríplice viral, apresentou diminuição na cobertura vacinal, em todas as regiões do Brasil. O avanço tecnológico pode ter sido uma das influências para a não vacinação, apesar de facilitar o acesso a informações, muitos estão tendo informações contraditórias ou falsas, contribuindo para o aumento da recusa vacinal de pais e responsáveis (Barros; Cavalheiri, 2021).

O responsável que decide não vacinar seu filho, é considerado negligente a cuidados a seus próprios filhos, limitando e prejudicando a saúde do mesmo, se hoje temos um calendário vacinal amplo e totalmente gratuito é direito de uma criança ser vacinada e dever de um pai vacinar esta criança (Passos; Filho, 2020).

Em 15 de Agosto de 2024, foi publicado uma notícia em uma página no Instagram que diz “Justiça obriga vacinação de bebê após recusa dos pais por motivos religiosos”, o caso ocorreu em Santa Catarina, uma criança de apenas 5 meses que não havia sido vacinada ainda por conta de motivos religiosos dos pais e o medo de

efeitos colaterais, mesmo com orientações, tentado convencer estes pais a vacinarem seu filho, explicando a importância da imunização eles recusaram, sendo assim o caso foi levado a justiça e com o objetivo de garantir o direito a saúde da criança que é estabelecido pela legislação brasileira, o Tribunal de justiça de Santa Catarina, estipulou o prazo de 5 dias uteis para esta criança ser vacinada (Richter, 2024).

Na nossa atualidade as mídias apresentam um peso de grande importância na influência da decisão de vacinar ou não as crianças e grande parte dessas informações, não tem embasamento técnico científico, mesmo assim os movimentos antivacinas distorcem e divulgam estas informações para a comunidade. Pela falta de entendimento e falta de informações adequadas a comunidade acaba aderindo essas informações falsas e recusam a vacinação de crianças, aumentando e dando forças aos movimentos antivacinas (Passos; Filho, 2020).

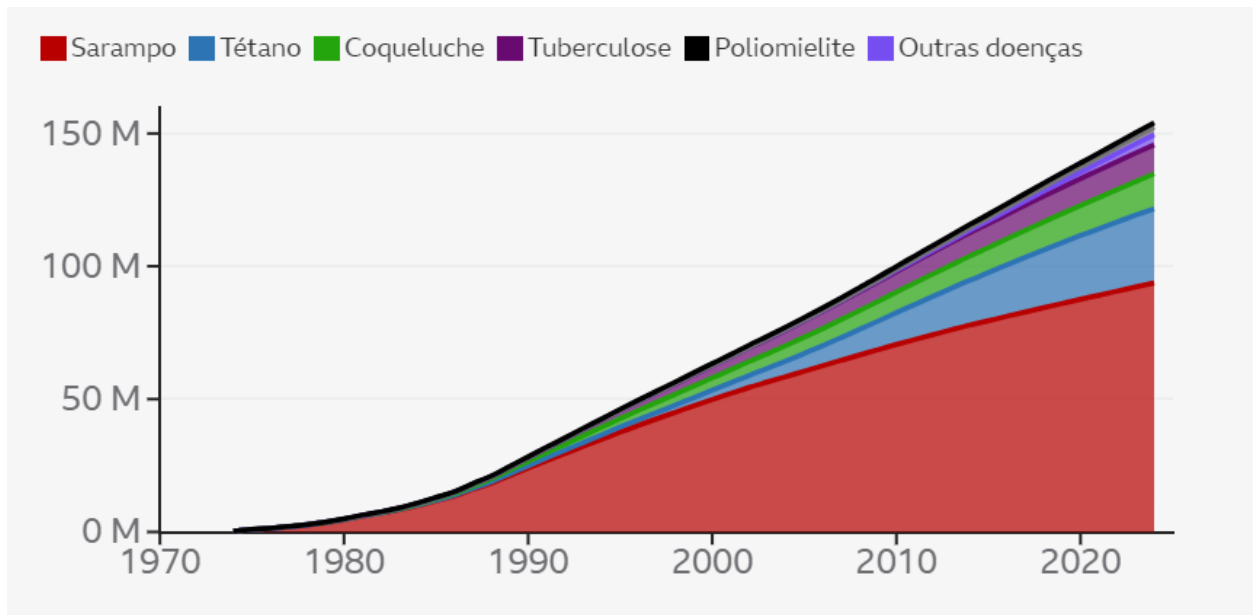
O movimento antivacina surgiu no século XIX como já dito anteriormente, após a criação da primeira vacina do mundo, desde então o movimento vem crescendo e ganhando mais força, na nossa atualidade o movimento preocupa a OMS, pois cada vez mais ele ganha forças e apoiadores para a causa (Xavier *et al.*, 2024). A mídia vem sendo uma das maiores responsáveis a crescente deste movimento, a querer passar informações de saúde, deixa de ser informativa e passa a ser responsáveis por mudanças sociais e a partir do momento que eles querem passar essas notícias aos telespectadores, as informações devem ser corretas e verídicas, pois a mídia é o maior meio para propagação de informações para cunho de educação e prevenção a saúde, fazendo assim que os movimentos antivacinas percam forças e não ganhem com falsas noticiais propagadas (Saraiva, Faria, 2019).

O aumento destes movimentos são preocupante, é de suma importância que todos da área da saúde, principalmente enfermeiros que são responsáveis pela sala de vacina, esteja preparado e capacitado para passar informações técnicas e seguras, contradizendo e contestando informações falsas as quais são disseminadas em grande quantidade pelos movimentos antivacinas. Se todas essas informações verdadeiras forem passadas de forma correta e se a população entender os benefícios da vacinação, os movimentos tendem a se enfraquecer e as crianças iniciam seus calendários vacinais com mais confiança de seus pais aumentando assim o alcance da cobertura vacinal infantil (Passos; Filho, 2020).

O calendário vacinal infantil atual segue o esquema: Ao nascer é necessário que a criança seja vacinada com a BCG e a Hepatite B, a partir dos 2 meses as vacinas são: Pentavalente, Poliomielite, pneumocócica e a da Rota Vírus, dos 3 meses é a meningocócica C, 4º mês é repetida as vacinas do 2º mês sendo sua 2º dose, do 5º mês é repetida a vacina do 3º mês, no 6º mês temos a 3º dose da pentavalente e da poliomielite e atualmente temos o início da vacinação da COVID-19, no 7º mês vem a 2º dose da COVID -19, chegando no 9º mês iniciamos com a vacinação contra a febre amarela, aos 12 meses temos o reforço da vacina da pneumocócica e meningocócica além de a 1º dose da tríplice viral, entramos no 15º mês sendo necessário o reforço da DTP e da poliomielite, além de termos a 1º dose da hepatite A e tetravalente viral, no início dos 4 anos temos o reforço das vacinas DTP, febre amarela e poliomielite e adicionamos a vacina da varicela, aos 5 anos temos a vacinação contra a febre amarela, e pneumocócica, já aos 7 anos contamos com a vacina contra difteria e tétano sendo necessário o reforço a cada 10 anos e por fim chegamos nas de 9 e 10 anos sendo ela a vacinação contra HPV em dose única, finalizando assim todo o calendário vacinal infantil sendo necessário a continuidade conforme crescimento da criança (Ministério da Saúde, 2024).

Após uma pesquisa da OMS, concluíram que 14 vacinas salvaram aproximadamente 150 milhões de vidas nos últimos 50 anos, sendo de maior predomínio crianças de 1 a 5 anos de idade. Crianças menores de 10 anos de idade vacinadas tem quase 40% de probabilidade de chegar ao próximo aniversário em comparação a crianças que não foram vacinadas. Mesmo ocorrendo a queda do índice vacinal o programa de vacinação é mundialmente efetivo e com bons resultados onde podemos visualizar esses resultados através de gráficos feitos referente a vacinação mundial (Sheel; Hogan, 2024).

Figura 1. Número de mortes evitadas devido a vacinação.

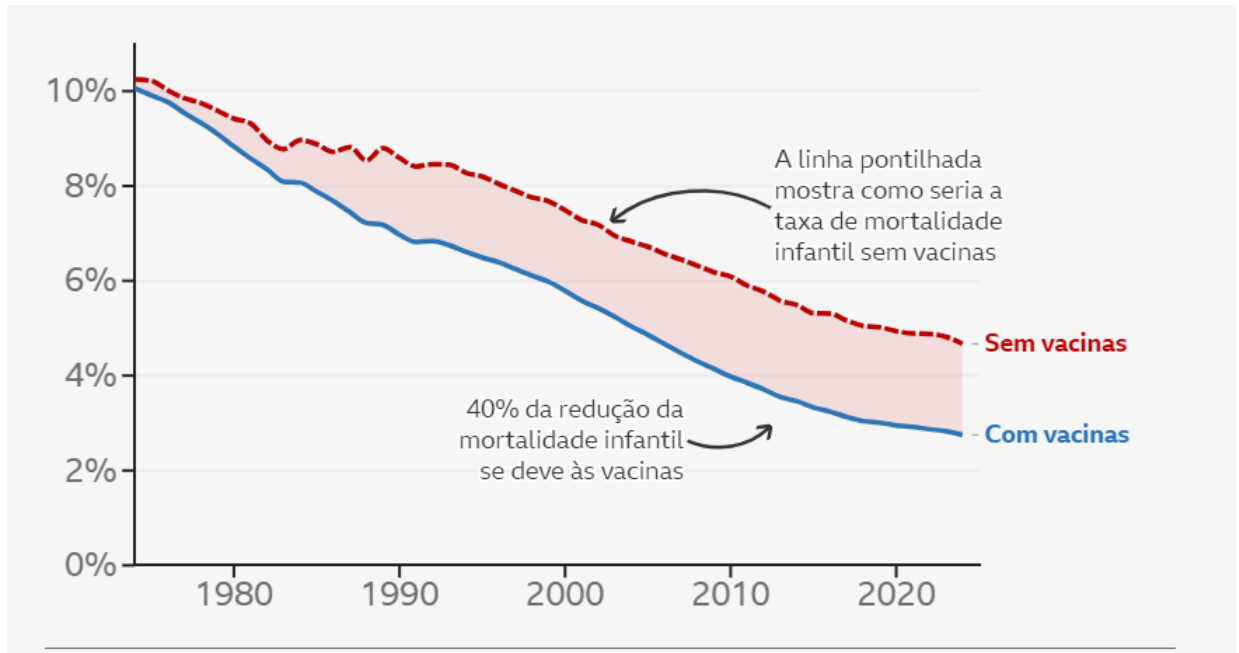


Fonte: The conversation, 2024 – A Shattock, H Johnson, So Yoon Sim , *et al.*

O estudo foi realizado em base de 194 países no período de 1974 e 2024, foi incluído vacinas para 14 doenças, exceto doenças já erradicadas como a varíola. A pesquisa conta com o estudo da propagação das doenças à medida que as vacinas eram introduzidas e como se destacava o aumento a cobertura do calendário vacinal (Sheel; Hogan, 2024).

Desde 1974 a taxa da mortalidade infantil foi reduzida em mais da metade, a pesquisa conclui que este fato se deve a vacinação, sendo assim tornando as crianças as mais beneficiadas com a vacinação (Sheel; Hogan, 2024).

Figura 2. As vacinas reduziram a taxa de mortalidade infantil nos últimos 50 anos.

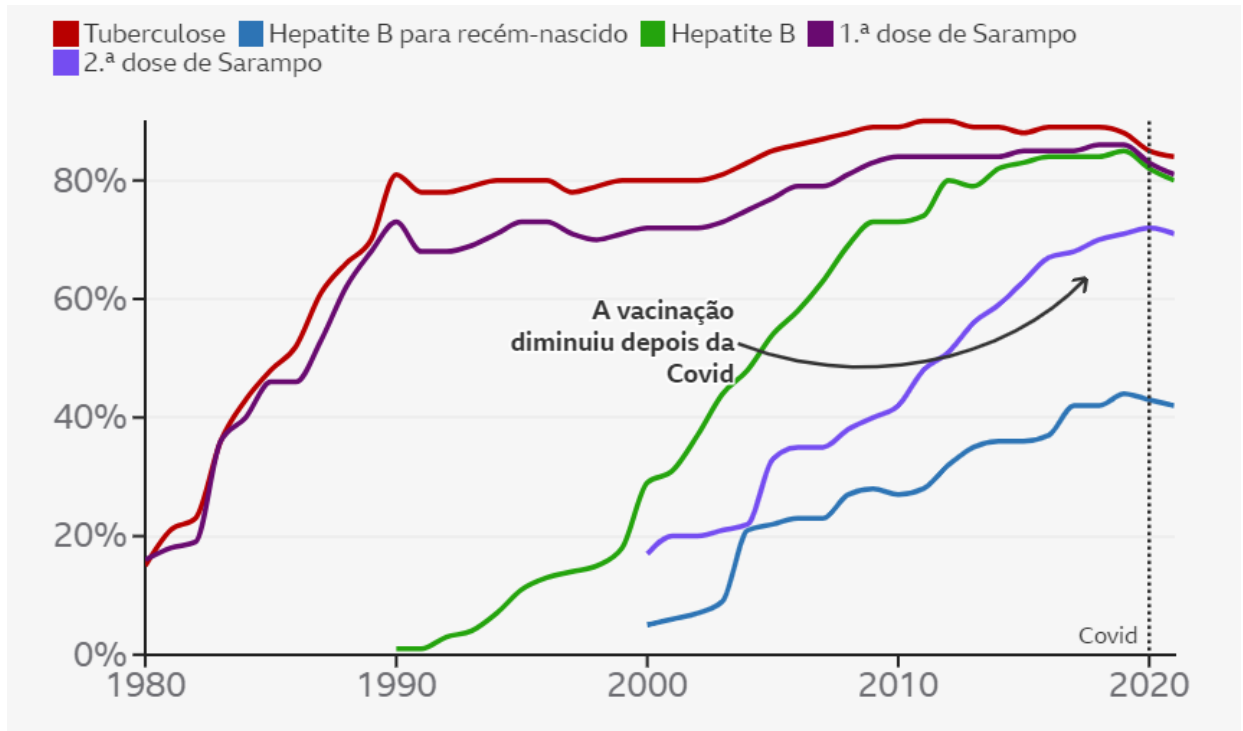


Fonte: The conversation, 2024 – A Shattock, H Johnson, So Yoon Sim, et al.

O estudo concluiu a importância da vacinação na década de 1980, os esforços para a vacinação contra o sarampo, a poliomielite e a coqueluche, foi de extrema importância e causou grande impacto na pesquisa realizada. O exemplo apresentado foi referente a locais com sistema de saúde mais fracos como, regiões do mediterrâneo oriental e a África, obtiveram sucesso e aumento do índice vacinal na área (Sheel; Hogan, 2024).

Figura 3.

A cobertura global de vacinação cresceu nos últimos 50 anos, mas estagnou recentemente.

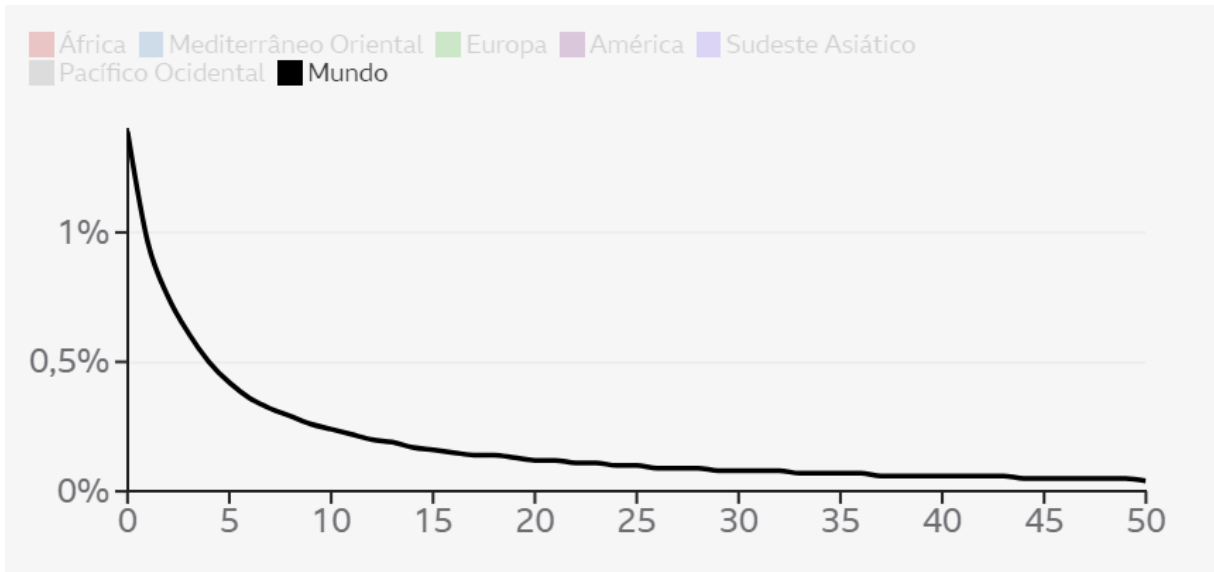


Fonte: The conversation, 2024 – A Shattock, H Johnson, So Yoon Sim, *et al.*

A cobertura vacinal se encontra em declínio e os resultados são o aparecimento de epidemias, causando sobrecargas ao sistema de saúde e resultando em mortes. Uma das influências apresentadas pela pesquisa realizada foi a pandemia da COVID-19, tendo apresentado a queda da vacinação contra o sarampo na infância, em 2019 era de 86% de crianças vacinadas já em 2022 apresentou 83%, queda significativa ao índice vacinal mundial, sendo que o nível de cobertura vacinal deve ser de 95% para alcançar a imunidade coletiva contra o sarampo. Utilizamos o sarampo como exemplo, porém é de grande importância manter o nível de vacinação elevado para todas as doenças que já existem vacinas seguras e com sucesso comprovado (Sheel; Hogan, 2024).

Figura 4.

O maior impacto das vacinas na probabilidade de sobrevivência ocorre nos primeiros anos de vida.



Fonte: The conversation, 2024 – A Shattock, H Johnson, So Yoon Sim, *et al.*

Conclusão

Foi possível avaliar e compreender que as principais causas que levam os pais a recusarem a vacinação de seus filhos, são as crenças religiosas, medo das reações adversas e principalmente as fakes News e influência da mídia.

Desde a criação da primeira vacina do mundo, existem movimentos contraditórios, os famosos movimentos antivacinas e com o passar dos anos eles vem crescendo e ganhando mais forças. A mídia é o maior propagador desta influência, ajudando para o crescimento dos movimentos, com o acesso maior a internet as pessoas acabam acreditando em todas as informações que são passadas, mesmo que não tenham nenhum embasamento científico e com a facilidade de propagação destas informações, se torna um ciclo sem fim de desinformação e incentivo para a não vacinação infantil, tornando os pais responsáveis negligentes. Infelizmente os maiores prejudicados são os próprios filhos, crianças que não iniciam o seu calendário vacinal, estando mais suscetíveis a doenças que já foram erradicadas e poderiam ser prevenidas.

Este trabalho foi importante para concluirmos que mesmo o Brasil tendo um dos maiores e mais completos programas de vacinação, além de totalmente gratuito, seguro e com fácil acesso para todos, a queda do índice vacinal é preocupante e causa impacto na saúde coletiva da população, sendo de total

obrigação do profissional da saúde incentivar a vacinação infantil, com educação a saúde informando como funciona o calendário vacinal, quais vacinas são aplicadas e em qual período, além de possíveis reações adversas as quais são rápidas e de baixo impacto, passar segurança aos pais e responsáveis por essas crianças. Vivemos em uma era totalmente digital, onde é encontrado informações de todos os tipos com maior facilidade e associado a isto temos a mídia que tem uma importância significativa para a propagação destas informações sem base técnica científica.

Referências

BELEBONE, R.; STABELI, R. Vacinas Direitos e Responsabilidades. **Physis: Revista Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312021310201>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/MgM8MP48DmztrnmfwcH7pcc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 07 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Imunização. PNI: entenda como funciona um dos maiores programas de vacinação do mundo. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/agosto/pni-entenda-como-funciona-um-dos-maiores-programas-de-vacinacao-do-mundo>. Acesso em 13 out. 2024.

BRASIL. Instituto Butantan. Governo do Estado de São Paulo. **Por que é mentira que as vacinas causam autismo? Conheça a história por trás desse mito**. Portal Butantan, 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/por-que-e-mentira-que-vacinas-causam-autismo-conheca-a-historia-por-tras-desse-mito>. Acesso em 07 abr.2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Calendário de Vacinação, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/calendario>. Acesso em 13 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Imunizações, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/pni>. Acesso em 13 out. 2024.

COSTA, T. A.; SILVA, E. A. Narrativas antivacinas e a crise de confiança em algumas instituições, **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2022. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i2.3229>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3229/2510>. Acesso em 07 abr.2024.

D'ALMONTE, E. F.; SIQUEIRA, E. L.; SILVA, G. A. Vacinas e desinformação: uma análise de conteúdo sobre fake News apuradas por plataformas de debunking em redes sociais, **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v.17, n. 3, 2023. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i3.3821>. Disponível em:

<https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3821/2643>. Acesso em 07 abr. 2024.

GODINHO, M. L. S. C.; SILVA, S. A.; PIETRAFESA, G. A. B. A enfermagem como protagonista no enfrentamento da hesitação e recusa vacinal, **Rev Bras Enferm**, Minas Gerais, e77suppl101, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/0034-7167.202477suppl101pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GVWxzWwJzLxZBjxry3MwcMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 07 abr.2024.

MORAIS, J. N.; QUINTILIO, M. S. V. Fatores que levam a baixa cobertura vacinal de crianças e o papel da enfermagem – Revisão literária, **Rev Interfaces**, v. 9, n. 2, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v9.e2.a2021.pp1054-1063>. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/903-2866-1-PB.pdf>. Acesso em 07 abr. 2024.

PASSOS, F. T.; FILHO, L. M. M. Movimento Antivacina: Revisão narrativa da literatura sobre fatores de adesão e não adesão a vacinação, **Rev JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 3, n.6, 2020. DOI <http://doi.org/10.5281/zenodo.3891915>. Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/115/187>. Acesso em 22 set. 2024.

RECUERO, R.; VOLCAN, T.; JORGE, F. C. Os efeitos da pandemia de covid -19 no discurso antivacinação infantil no Facebook, **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, 2022. DOI <http://www.doi.org/10.29397/reciis.v16i4.3404>. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3404/2566>. Acesso em 07 abr.2024.

RICHTER, A. Justiça da 60 dias para casal vacinar filhas em Santa Catarina. **Ninja**, 3 de Jul 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/justica-da-60-dias-para-casal-vacinar-filhas-em-santa-catarina/>. Acesso em 15 de set. 2024.

ROSA, S. S; BARROS, T. H. B.; LAIPELT, R. C. F. O discurso antivacina no ontem e no hoje: A revolta da vacina e a pandemia da covid- 19, uma abordagem a partir da análise do discurso, Rio de Janeiro, **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 17, n. 3, p. 616-632, 2023. DOI <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i3.3774>. Disponível em: [001185657.pdf](https://doi.org/10.29397/reciis.v17i3.3774). Acesso em 15 de set. 2024.

SARAIVA, L. J. C.; DE FARIA, J. F. A Ciência e a Mídia: A propagação de Fake News e sua relação com o movimento antivacina no Brasil, Belém, 2019. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6407219/mod_folder/content/0/movimento%20antivacina%20e%20fakenews.pdf. Acesso em 08 de Setembro 2024.

SHEEL, M., HOGAN, A. 152 milhões de vidas salvas em 50 anos: 4 gráficos que mostram o sucesso das vacinas no mundo. **BBC News Brasil**, 30 jun. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c7222y4myejo>. Acesso em: 20 out. 2024.

SILVA, I. S. *et al.* Modelo lógico teórico como ferramenta de planejamento para melhoria da cobertura vacinal infantil no Rio Grande do Norte, Brasil, **Rev Ciência Plural**, e29226, 2023. Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Downloads/ok+ok+vf+%23+f+MODELO+L%C3%93GICO-TE%C3%93RICO.pdf>. Acesso em 07 abr. 2024.

SOUSA, C.; VIGO, Z.; PALMEIRA, C. Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil, **Rev enfermagem contemporânea**, Salvador, 2012.

Disponível em:

[file:///C:/Users/User/Downloads/Admin,+2+Compreensao+dos+pais+vacinacao+artigo+finalizado%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Admin,+2+Compreensao+dos+pais+vacinacao+artigo+finalizado%20(1).pdf). Acesso em 07 de set. 2024.

XAVIER, F. Q. *et al.* Movimento antivacina: pandemia da década, **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.7, n.1, p.5224-5238, 2024. DOI 10.34119/bjhrv7n1-424.

Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/424+BJHR.pdf>. Acesso em 08 de set. 2024.